



UM CÂNON PARA OS ESTUDOS CULTURAIS NO BRASIL: AUTORES, INTERPRETAÇÕES E APROPRIAÇÕES NA ÁREA DE EDUCAÇÃO

A CANON FOR CULTURAL STUDIES IN BRAZIL: AUTHORS, INTERPRETATIONS AND APPROPRIATIONS IN THE EDUCATION FIELD

Aguinaldo Rodrigues Gomes*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

 <https://orcid.org/0000-0002-2398-8088>
aguinaldorod@gmail.com

Rogério Monteiro de Siqueira**

Universidade de São Paulo – USP

 <https://orcid.org/0000-0002-5915-0930>
rogerms@usp.br

RESUMO: Neste trabalho, investigamos a formação do cânon dos estudos culturais no Brasil. Analisamos como os autores brasileiros, em fins dos anos 1990, constituíram um *corpus* de referência para a área nascente, com especial atenção para as questões educacionais. Ver-se-á que, por um lado, os pesquisadores traduzem autores e textos estrangeiros específicos, mediando as representações do que seriam os estudos culturais no cenário nacional e, por outro, associam novos autores e temas a essas genealogias estrangeiras, produzindo interpretações específicas no contexto brasileiro. A construção do *corpus* documental ocorreu a partir da “mineração de textos” na base Google Scholar, com a expressão “estudos culturais” no título. A partir disso, construímos uma série de análises de rede, com vistas a compreender as estratégias de leitura e escrita dos pesquisadores brasileiros. A hipótese deste trabalho é de que há uma proposta oriunda da região sul do Brasil, em relação aos estudos culturais, que se afasta das origens britânicas da discussão e se liga aos pós-estruturalismos, a partir de estratégias de tradução, citação, interpretação e divulgação dessas teorias que se configuram como processo de mediação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais. Brasil. Cânon. Redes.

ABSTRACT: This paper investigates the formation of the canon of Cultural Studies in Brazil. It analyse how Brazilian authors, at the end of the 1990's, constituted a corpus of reference for the nascent area, with special

* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Voluntário do Conselho Municipal De Cultura e do Patrimônio Cultural, docente do corpo permanente - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, docente do corpo permanente - Programa de Pós-Graduação em Educação Rondonópolis, docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

** Professor Associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). É livre-docente em história da ciência, pela USP, e orientador do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da EACH-USP e do Programa em História Econômica da FFLCH-USP.

attention to educational issues. It will be seen that, on one hand, Brazilian researchers translate specific foreign authors and texts, mediating the representations of what would be the "Cultural Studies" in the national scenario, and, on the other hand, they associate new authors and themes to these foreign genealogies, producing specific interpretations, in the Brazilian context. The construction of the documental corpus occurred from the "text mining" in the Google Scholar base, with the word "Cultural Studies" in the title. From this first corpus, we built a series of network analyses, in order to understand the reading and writing strategies of Brazilian researchers. The hypothesis of this work is that there is a proposal originating from researchers of the South region of Brazil, in relation to Cultural Studies, which moves away from the British origins of the discussion and connects to post-structuralism, from strategies of translation, citation, interpretation and dissemination of these theories that are configured as a process of cultural mediation.

KEYWORDS: Cultural Studies; Brazil; canon; networks.

O historiador deve tentar entender como as inovações do primeiro autor se impuseram sobre os leitores, se concentrando nos textos escritos pelos que leram o texto. Podemos perceber que sob essa perspectiva há muito mais uma concepção ativa de apropriação onde o autor ganha consciência sobre o processo de seleção de ideias, interpretação e utilização das mesmas. Portanto, as ideias possuem um caráter muito mais dinâmico de interpretação, apropriação e recepção (Antônio Vinícius Lomeu Teixeira Barroso).

INTRODUÇÃO

Perguntado por um grupo de pesquisadores norte-americanos se haveria uma unidade disciplinar nos estudos culturais latino-americanos e brasileiros, Renato Ortiz reagiu, reticente: “A penetração dos estudos culturais se faz pelas bordas, ou seja, para utilizar uma expressão de Bourdieu, na periferia do campo hierarquizado das ciências sociais, particularmente nas escolas de comunicação (o que certamente demonstra o conservantismo de disciplinas como sociologia, antropologia, literatura)” (ORTIZ, 2004, p.3).

Situadas historicamente, pergunta e resposta, no panorama das publicações da área, podem ser pensadas a partir dos vários esforços de delineamento do que seriam os estudos culturais no Brasil desde fins dos anos 1990, materializados em obras hoje consideradas seminais. Nesse sentido, o relato de Ortiz não deixa de ser uma reação a uma certa disputa sobre o estatuto epistemológico e simbólico da área. Ao mesmo tempo em que a descreve como um espaço marginal na estrutura acadêmica brasileira, procura apresentá-la a partir de uma chave multi e interdisciplinar. Mesmo vinte anos depois do depoimento, o diagnóstico não mudou, haja vista os poucos programas de pós-graduação que carregam a alcunha de Estudos Culturais.

Nesse mesmo período, dois textos se tornaram referências justamente respondendo às mesmas inquietações feitas à Ortiz. Alguns anos antes, em 1998, Ana Carolina Escosteguy, à época estudante de pós-graduação da área de comunicação, elaborou um primeiro esboço sobre a questão em *Uma introdução aos Estudos Culturais*, publicado na Revista Famecos, depois adensado em seu livro *Cartografias dos Estudos Culturais*, publicado em 2001 pela editora Autêntica (ESCOSTEGUY, 1998, 2001). Já Maria Elisa Cevasco, partindo da crítica literária, publica em 2003, pela editora Boitempo, *Dez lições dos Estudos Culturais* (CEVASCO, 2008). Se não são uma disciplina nem um espaço autônomo na hierarquia acadêmico institucional brasileira, os estudos culturais no Brasil são certamente um espaço digno de disputa.

Em levantamento recente na base Google Scholar, os livros de Escosteguy e Cevasco estão entre os cinco trabalhos mais citados na área, totalizando quase 1500 citações conjuntamente. Ao mesmo tempo em que procuram circunscrever um campo, as pesquisadoras estabelecem um cânon de referência, do qual também passam a fazer parte. Tanto Cevasco quanto Escosteguy colocam no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham a gênese desse campo, embora o acento em Richard Hoggart (1918-2014), Raymond Williams (1921-1988) e Stuart Hall (1932-2014) varie, e a deriva dos temas e autores lidos no Brasil seja bastante díspar. Enquanto Escosteguy mira em Hall, Martín-Barbero e García Canclini, mais preocupada com questões relativas às teorias da comunicação e recepção, Cevasco vê em Raymond Williams, Antonio Candido e Roberto Schwarz as devidas referências para uma crítica literária de verve marxista.

Na leitura mais recente de Maria Lúcia Castagna Wortmann e colaboradores, partindo de levantamentos feitos em bases de dados acadêmicos¹, os estudos culturais se estendem às disciplinas de Comunicação Social, Antropologia, Ciências Sociais, Teoria Literária e Educação (WORTMANN; SANTOS; RIPOLL, 2019). Outros nomes também deveriam figurar nos levantamentos, como Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, Alfredo Veiga-Neto, Marisa Vorraber Costa, Rosa Maria Hessel Silveira, Norma Marzola e a própria autora. Seguindo a bibliografia especializada, veremos que as genealogias se multiplicam e extrapolam as fronteiras brasileiras e latino-americanas (RESTEPRO, 2015).

Assim, as fronteiras institucionais não são claras nem possíveis de serem estabelecidas no Brasil. Uma vez que os praticantes professos estão dispersos nas mais

¹ Os pesquisadores utilizaram a plataforma Google Acadêmico. Também mobilizaram em seu levantamento as filiações institucionais, grupos de pesquisa, e currículos Lattes de pesquisadores atuantes nos Estudos Culturais no Brasil.

variadas áreas e departamentos do campo científico, os esforços de delimitação do que são os Estudos Culturais se deslocam para o campo da sua história, notadamente para as construções genealógicas. Por conseguinte, e para usar um termo caro à área, a identidade do praticante se estabelece na pertença a determinadas linhagens de autores brasileiros e estrangeiros e na mobilização de determinadas categorias teóricas.

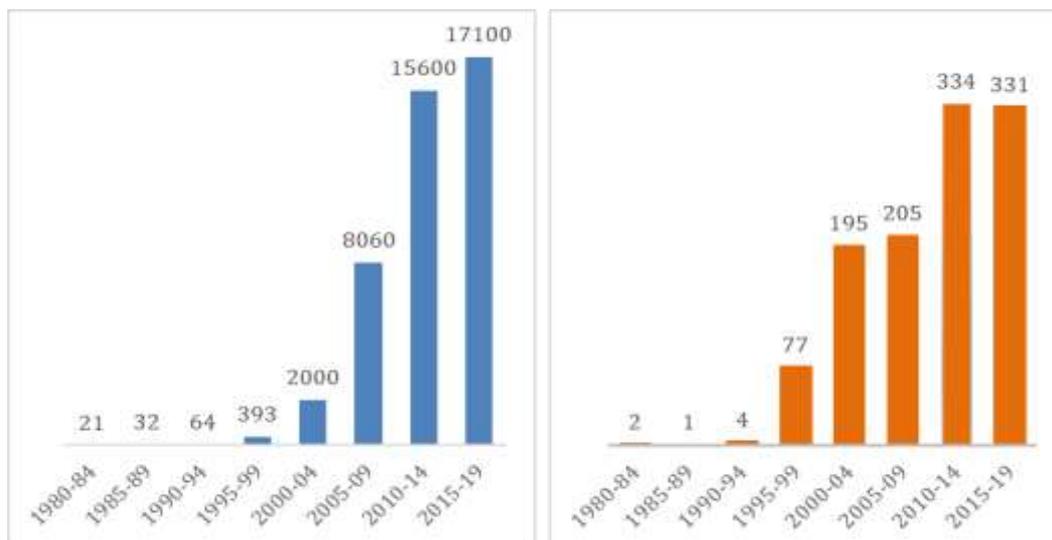
Neste trabalho, retomamos a questão da formação do cânon dos estudos culturais no Brasil, mas partindo de uma estratégia diferente. Analisamos como textos publicados em português, originais ou traduzidos, com um grande número de citações, mobilizam redes de autores específicos para construir panoramas sobre os estudos culturais. Como foram muitos os panoramas publicados desde fins dos anos 1990, tomamos como estudo de caso, neste artigo, aqueles ligados à área de educação. Ver-se-á que, por um lado, os pesquisadores traduzem autores e textos específicos, mediando as representações no cenário nacional, e, por outro, associam novos autores e temas a essas genealogias, produzindo interpretações específicas no contexto brasileiro.

A CONSTITUIÇÃO DE UM CORPUS DE REFERÊNCIA EM PORTUGUÊS

A virada dos anos 2000 foi, sem dúvida nenhuma, um momento de inflexão para os estudos culturais em português. Ao acompanharmos os conteúdos e títulos dos textos catalogados nas bases de dados, vemos um crescimento vertiginoso. No caso do Google Scholar, o número de trabalhos que mencionam o tema em qualquer lugar do texto aumenta de 64 para 393 no quinquênio 1995-1999, e quintuplica nos cinco anos seguintes, chegando a 2000. Mesmo contabilizando somente aqueles com o termo no título, um grande aumento se observa no decênio 1995 a 2004 (Figura 1).

Uma história panorâmica poderá esclarecer quais foram as condições determinantes para o fenômeno em cada uma das suas vertentes. De todo modo, a emergência dos estudos culturais em português acaba suscitando certos esforços de delimitação disciplinar. Entre os trabalhos com mais citações na área (Tabela 1), não raro encontramos digressões históricas e longos panoramas de autores e obras relevantes. Muitos dos trabalhos que conhecemos hoje como obras de referência, como o de Cevasco (2008) e Escosteguy (1998, 2001), podem ser pensados nessa mesma chave interpretativa, e, portanto, constituem uma fonte relevante sobre a conformação de um cânon para a área, em português, pelas mãos desses primeiros pesquisadores.

Figura 1: Número de trabalhos mencionando a expressão "estudos culturais" no corpo do texto (em azul, à esquerda) e no título (em laranja, à direita). Fonte: Google Scholar, 2023.



É nesse sentido que, neste trabalho, procuramos desenvolver um primeiro exercício de análise da conformação desse cânon em português, com especial atenção à área de educação, utilizando dados bibliométricos obtidos a partir de um conjunto de trabalhos de referência. A construção do *corpus* documental ocorreu a partir da “mineração de textos” na base Google Scholar² com a expressão “estudos culturais” no título. Nesse levantamento, encontramos 28 textos com pelo menos 100 citações. Destes, e como um primeiro exercício analítico, escolhemos aqueles que tratam exclusivamente do tema estudos culturais e educação com pelo menos 150 citações (Tabela 1).

Tabela 1: Artigos, livros e capítulos em português, com “Estudos Culturais” no título, com pelo menos 100 citações, segundo o Google Scholar. Em vermelho, as obras da área de educação escolhidas para análise deste artigo.

Citações	Autor	Título	Ano
3967	T. T. Silva	Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva (org)	2000
3217	D. Kellner	A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno	2001
862	M. E.	Dez lições sobre estudos culturais	2003

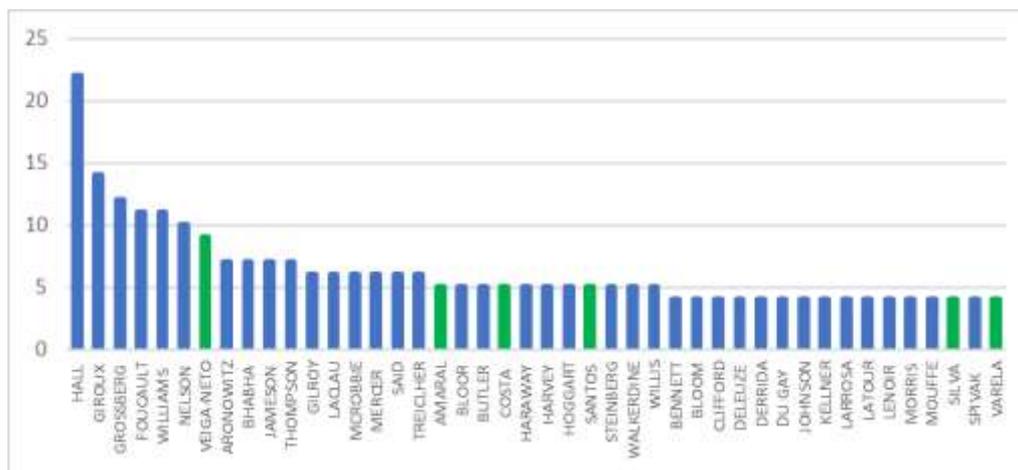
² Utilizamos a ferramenta de busca Publish or Perish (v. 8.8.4384.8527), desenvolvida por Anne-Wil Harzing, que minera trabalhos a partir da base de dados do Google Scholar (HARZING, 2023).

	Cevasco		
763	R. Johnson	O que é, afinal, Estudos Culturais? In.: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.)	2000
658	A. C. Escosteguy	Cartografias dos estudos culturais	2001
624	T. T. Silva	<i>Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação</i>	1995
567	A. Mattelart, E. Neveu	Introdução aos estudos culturais (M. Marcionilo, Trad.)	2004
564	M. Vorraber Costa, R. Silveira, L. Sommer	<i>Estudos culturais, educação e pedagogia</i>	2003
385	C. Nelson, P. Treichler, L. Grossberg	Estudos Culturais: uma introdução. In: Alienígenas na sala de aula	1995
356	A. C. Escosteguy	Estudos Culturais: uma introdução. In: O que é afinal Estudos Culturais (Tomaz Tadeu da Silva)	2000
354	A. Veiga-Neto	Michel Foucault e os estudos culturais	2004
319	H. Giroux	<i>Atos impuros: a prática política dos estudos culturais</i>	2003
275	T. T. Silva	O que é, afinal, Estudos Culturais? (ORG)	2000
253	Ac Escosteguy	Os estudos culturais. MIMEO. In Cartografias/FAMECOS	INDEFINID O
242	A. Moreiras	A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos	2001
228	L. Grossbergg	O CORAÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS: CONTEXTUALIDADE, CONSTRUCCIONISMO E COMPLEXIDADE	2009
203	M. Vorraber Costa	<i>Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...</i>	2000
202	J. Freire Filho	Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano	2007
201	M. Vorraber Costa	Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares	2000

184	S. Hall	Estudos culturais e seu legado teórico. In: Da Diáspora.	2003
159	A. C. Escosteguy	Uma introdução aos estudos culturais	1998
156	M. Wortmann, A Veiga-Neto	Estudos culturais da ciência & educação	2001
151	C. Walsh	Estudos (inter) culturais na chave descolonial	2010
141	S. Hall	Estudos culturais: dois paradigmas. In: Da Diáspora.	2003
111	M. Vorraber Costa	Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo	2002
109	I. Hennigen, N. Guareschi	A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais	2002
108	R. Ortiz	Estudos culturais	2004

O corte em pelo menos 150 citações não é prescritivo. De fato, quanto maior a amostra de textos, mais detalhado é o panorama. Mas aqui a estratégia não se revelou muito limitante, sobretudo porque, no tratamento feito na base de dados nas próximas seções deste artigo, os capítulos foram considerados como unidades autônomas, ora porque são de autores diferentes, ora porque respondem a temáticas com alguma autonomia. Assim, por ser composto em sua maioria por livros longos e coletâneas de traduções e artigos originais, o conjunto de seis textos se desdobrou em 36, correspondendo a 1374 citações completas e 494 autores.

Figura 2: Autores mais citados, em textos distintos do corpus textual sobre Estudos Culturais e Educação. Em verde, os autores brasileiros mais citados: Antônio Veiga-Neto, Marise Basso Amaral, Marisa Vorraber Costa, Luís Henrique Santos, Tomaz Tadeu da Silva e Julia Varela.



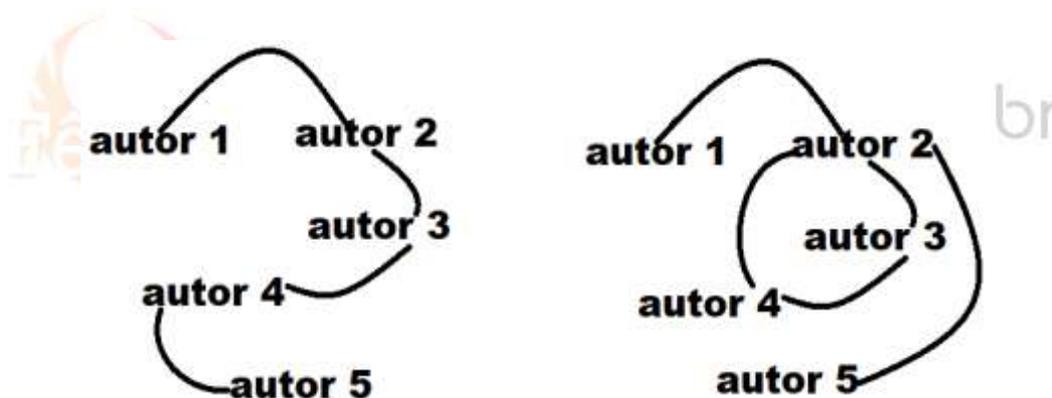
Numa primeira visada, conclui-se que os autores brasileiros estão em número muito menor que os estrangeiros, e que estes últimos vão além das referências clássicas inglesas, como Stuart Hall, Raymond Williams, Hoggart, Thompson ou Willis, incorporando autores de referência da crítica francesa. Essa plêiade de autores e de composições deve ser pensada como produto de pelo menos três mediações: em primeiro lugar, pelas escolhas das traduções feitas pelos brasileiros; pelos autores mobilizados nos textos traduzidos, escolhidos por estrangeiros; e pelas escolhas dos brasileiros em seus próprios textos, que combinam seus trabalhos a outros autores brasileiros e estrangeiros. E esses processos de combinação e recombinação de autores e textos não seguem necessariamente os regramentos originais que os produziram. Como observa Bourdieu,

O sentido e a função de uma obra estrangeira é determinado tanto ou mais pelo campo de chegada quanto pelo campo de origem. Em primeiro lugar porque o sentido e a função no campo de origem são muitas vezes completamente ignorados. E também porque a transferência de um campo nacional para um outro se faz por meio de uma série de operações sociais: uma operação de seleção (o que se traduz? O que se publica? Quem traduz? Quem publica?); uma operação de marcação (de um produto anteriormente “sem etiqueta”) pela editora ([...] e anexando-a a seu próprio ponto de vista e, em todo caso, a uma problemática inscrita no campo de chegada e que só raramente realiza o trabalho de reconstrução do campo de origem, em primeiro lugar porque é muito difícil); uma operação de leitura, enfim, com os leitores aplicando à obra categorias de percepção e problemáticas que são produto de um campo de produção diferente (BOURDIEU, 2002).

REDES DE AUTORES, PRÁTICAS DE ESCRITA: UMA ABORDAGEM BIBLIOMÉTRICA

As práticas de leitura e escrita envolvem, em certa medida, a mobilização de repertórios anteriores, a escolha de autores e obras entre listagens mentais ou previamente organizadas, às vezes transmitidas por processos escolares, por relações comerciais ou de amizade (DARNTON, 2010a, 2010b). Nesse sentido, um autor/leitor está a todo tempo comparando e recombinao listagens, com alguma autonomia. No caso do texto científico, quando a referência a textos lidos é atividade obrigatória, é mais fácil visualizar essas operações por meio da citação dos autores e artigos lidos, das combinações operadas pelo escritor no decurso do texto. Ao passo que os parágrafos vão sendo construídos, passa-se a dispor, lado a lado, os autores que, de alguma maneira, estão conectados ao temário do texto.

Figura 3: Dois fragmentos de redes representando cinco autores em dois textos. No primeiro, à esquerda, os autores são citados no texto sem repetição, enquanto no segundo, à direita, o autor 2 é citado novamente depois do autor 4.

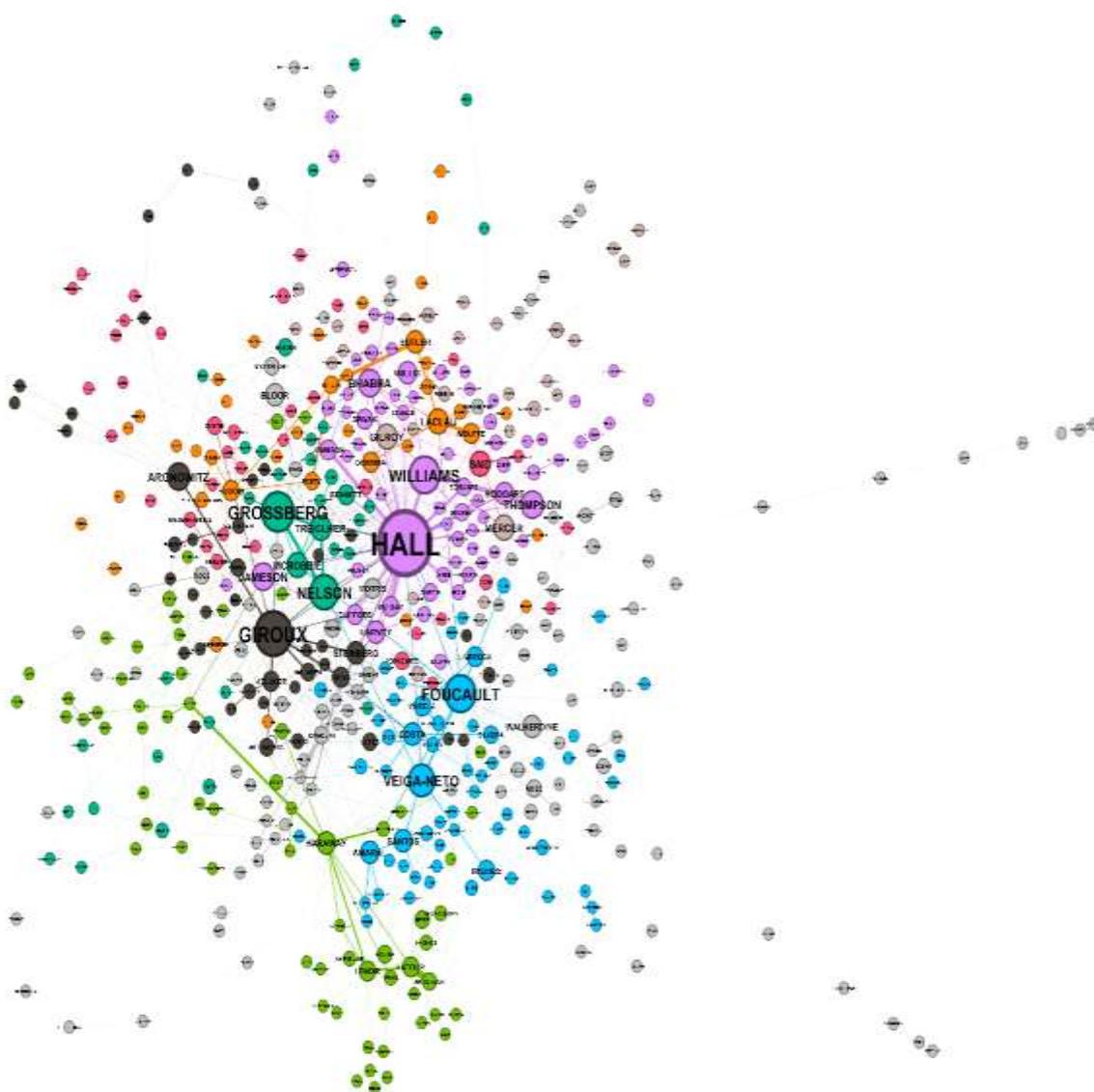


Há muitas maneiras de representar visualmente essa lista (MONTEIRO, 2023). Aqui nos interessa analisar como os autores serão conectados conforme a sua ordem de citação, ora sem repetições, ora mais de uma vez. Nesse último caso, seria como se, ao percorrer uma longa fila de autores, voltássemos a alguns deles, criando laços imaginários (Figura 3). Se são vários textos, teremos várias filas, às vezes coladas por autores comuns, que serão recosturadas conforme percorrermos os textos.

Ao escolher essa representação visual para a prática de citação dos textos, procuramos reproduzir algumas estratégias de escrita relevantes para a nossa análise. Em primeiro lugar, autores próximos no texto irão aparecer próximos na representação, preservando a disposição geográfica. Em segundo lugar, aqueles que se repetem aparecerão

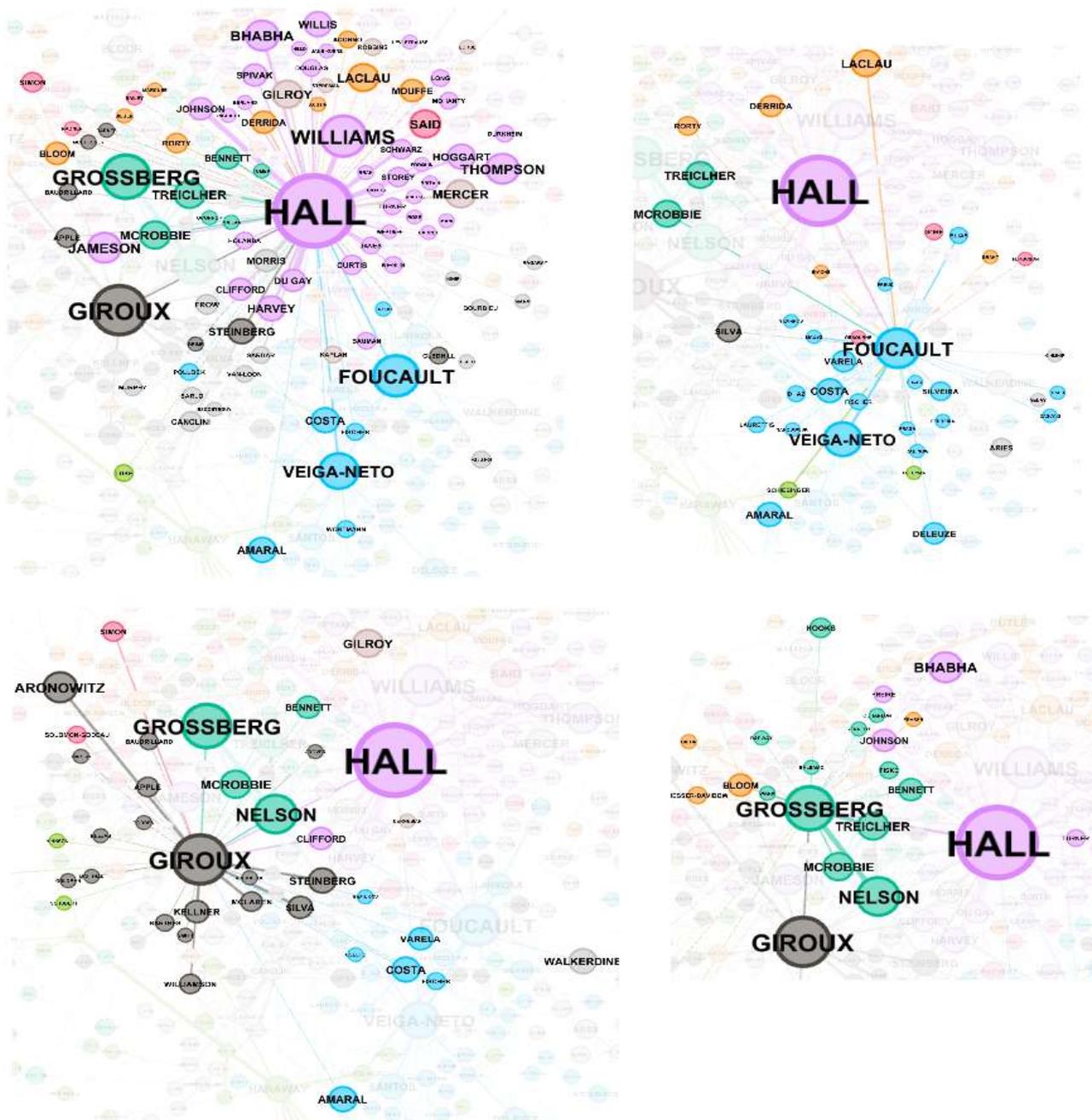
mais conectados nas representações. Por fim, duplas de autores que se repetem passam a ser reforçadas na representação. Assim, as combinações mais comuns podem ser visualizadas na representação visual. Ressalta-se que, aqui, a rede (figura 4) representa os autores presentes nos textos mais citados na área. Ou seja, ela procura representar o modo como os autores brasileiros, em fins dos anos 1990, constituíram um *corpus* de referência para a área nascente, com especial atenção para as questões educacionais.

Figura 4: Rede de autores citados nos seis textos mais citados de Estudos culturais e Educação. Autores citados um ao lado do outro, nos textos, aparecem aqui conectados. Linhas mais grossas indicam um número maior de vezes em que o par aparece nos textos. O tamanho dos nós é proporcional ao número de aparições em textos distintos. As cores seguem critérios de modularidade, ou seja, procuram organizar autores mais próximos. Este grafo foi gerado no *software* Gephi, com o algoritmo Force Atlas.



De maneira mais panorâmica, a rede está organizada em torno dos nomes citados em um número maior de textos. O *software* tende a colocar mais ao centro os autores com mais conexões e espalhar para as bordas os menos importantes para esses escritores. Por isso Hall, Williams, Giroux, Grossberg, Nelson e Foucault estão localizados na região mais central, sendo Hall aquele que conversa mais com toda a rede, um autor-chave para as questões mobilizadas pelo grupo de brasileiros. No levantamento de citações, ele é também mais citado. Certamente um ponto fundamental é o fato de o teórico ter substituído Hoggart no Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), exercendo, nas palavras de Escosteguy (2001), uma função de “aglutinador” em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravando debates teórico-políticos, tornando-se um “catalizador” de inúmeros projetos coletivos. No período, seus textos *A identidade cultural na pós-modernidade*, publicado originariamente em 1992 e traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Louro, e *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*, também traduzido pelo grupo de professores do PPGE/UFRGS, aparecem em muitas bibliografias. Em conjunto, são textos que tratam da cultura como um sistema tão importante quanto a economia, o que vemos também nos outros autores ligados ao CCCS que aparecem na mesma região da rede, como Williams, Thompson e Hoggart. No entanto, são os textos de Hall que debatem a questão das identidades e seus efeitos na vida social que são colocados em contato com autores pós-estruturalistas, como Michel Foucault. Donna Haraway e Bruno Latour (grupo verde, na parte inferior, na parte inferior, figura 4), Judith Butler e Laclau (grupo laranja, na parte superior, figura 4) também se encaixam na tradição da crítica francesa das identidades, mas aparecem de maneira mais marginal nessa rede. Assim, é Hall quem faz a interlocução dos estudos culturais da *new left* com os estudos culturais das identidades (Figura 5).

Figura 5: Excertos da rede de autores, privilegiando os autores citados ao lado de Hall, Giroux, Grossberg e Foucault (em sentido horário, começando à esquerda, na parte superior).



Também é possível perceber no diagrama a presença dos norte-americanos, representados por Grossberg, Nelson e Treichler. Em 1992, os três autores publicaram um longo manual de estudos culturais, com textos de vários autores, cuja apresentação, “Estudos culturais: uma introdução”, abre o *Alienígenas na sala de aula*, conjunto de artigos traduzidos e organizados por Tomaz Tadeu da Silva, em 1995, pela editora Vozes. Da Silva também traduziu, nessa mesma coletânea, o artigo *Pós-Marxismo e Estudos Culturais*, de

Angela McRobbie. Também aparecem as primeiras traduções de dois textos de Henri Giroux: *Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação* e *Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney*.

Giroux ocupa uma posição de destaque na porção esquerda da imagem. A tradução do seu livro *Atos impuros – a prática política dos Estudos Culturais*, pela Artmed, em 2003, é também um indicativo da atratividade que ele exercia sobre os pesquisadores brasileiros à época. Giroux busca compreender o currículo como uma política cultural que produz sentidos, valores e significados sempre sob disputa e produzido a partir de múltiplas relações de poder. Em torno do conceito de pedagogia cultural, articulado pelo autor, encontramos várias relações com os estudos culturais, cujo foco é a investigação da massificação das mídias e os processos de homogeneização cultural que influenciam a educação contemporânea (GIROUX, 2003).

TRADUZIR, APRESENTAR, APROPRIAR-SE: FOUCAULT PELAS MÃOS DE ALFREDO VEIGA-NETO E TOMAZ TADEU DA SILVA

Michel Foucault ocupa um lugar distinto na nuvem de autores lidos (região azul, na parte inferior, figura 4). Sua associação aos estudos culturais não se dá pelas mãos dos autores traduzidos do *corpus*, mas pelo esforço de divulgação dos professores Tomaz Tadeu da Silva e Alfredo Veiga-Neto. Aliás, a maioria dos autores brasileiros está próxima a Foucault na rede de citações (ver excertos, figura 5 e figura 7), colocando-o como um segundo autor de referência.

Foucault é anterior à emergência dos estudos culturais, tanto na obra de Veiga-Neto quanto na de Da Silva, que já havia editado, em 1994, *O sujeito da educação – estudos foucaultianos*, pela editora Vozes. Na mesma época, Veiga-Neto escrevia sua tese de verve foucaultiana *A ordem das disciplinas*, sob a supervisão de Da Silva. Essa associação autor-tradutor-apresentador repercutiu, aliás, para fora do Brasil. Nogueira-Ramirez, compilador de uma obra em homenagem a Veiga-Neto, o define como um intérprete e mediador do pensamento foucaultiano na América Latina:

Alfredo es el gran divulgador, para el campo de la educación, del pensamiento de Foucault en América Latina, pues, sin lugar a dudas, no hay otro intelectual en nuestro continente que haya dedicado parte significativa de su vida profesional a interpretar y difundir el pensamiento del filósofo francés. La labor de divulgación del pensamiento de un autor es una actividad que enriquece y dinamiza una comunidad académica. La lectura e interpretación de Foucault que ha

realizado Alfredo no solo dio origen a un nuevo campo de trabajo académico en Brasil, los “estudios foucaultianos en educación”, sino que, además, contribuyó a su consolidación y a su extensión a otros países del continente (NOGUERA-RAMÍREZ, 2018, p. 9).

Assim, essa forte associação de Alfredo Veiga-Neto e Tomaz Tadeu da Silva ao filósofo francês, como intérpretes e divulgadores de sua obra, explica o efeito Foucault nas pesquisas educacionais brasileiras em seu cruzamento com os estudos culturais. Sua atuação mostra que o mediador cultural não apenas transpõe teorias, mas também apresenta outras possibilidades de seus usos e associações em função do espaço sociocultural em que se insere.

Veiga-Neto procura explicitar essa aproximação em um dos textos mais citados do *corpus*, *Michel Foucault e os Estudos Culturais*, publicado em 2000 na coletânea *Estudos Culturais em educação*, organizada por Marisa Vorraber Costa. Em sua leitura, o autor deveria ser pensado como um pós-estruturalista pelo seu afastamento dos “ismos”, por fraturar as metanarrativas e suas formulações sobre o poder como multidimensional. Para ele, os estudos foucaultianos sobre a arqueologia do saber poderiam ser bastante úteis na questão do multiculturalismo e da escola.



Afinando o foco desse exemplo, sugiro que as investigações que os Estudos Culturais têm realizado acerca das relações entre multiculturalismo e escolarização – uma questão particularmente importante nesse cenário de crise – teriam a ganhar ao incorporar elementos da arqueologia e da genealogia foucaultianas. Indo no mesmo sentido, as investigações acerca dos mecanismos discursivos pelos quais determinados saberes – inventados por um grupo social hegemônico passam “naturalmente” a incorporar um currículo – e, por causa disso, passam a ser vistos como saberes universais –, só têm a ganhar quando se combinam elementos foucaultianos e os insights dos Estudos Culturais. Os resultados de estudos dessa natureza teriam uma importância também prática, na medida em que permitiriam até mesmo algumas “intervenções” sobre as práticas (discursivas e não-discursivas) que se dão no campo educacional (VEIGA-NETO, 2004, p. 49).

Ainda segundo Veiga-Neto, essa perspectiva contribuiria tanto para a vertente dos estudos etnográficos quanto para as análises discursivas e textuais, tão afeitas aos estudos culturais, sobre a noção de sujeito.

A fragmentação do sujeito aponta para a necessidade de examinarmos os processos pelos quais se formam e se alteram os fragmentos em cada um de nós e como eles se relacionam entre si e com os fragmentos dos outros. Trata-se de processos em que estão sempre envolvidas relações de poder, ou seja, relações que procuram impor determinados significados (e não outros quaisquer). É como resultado desses processos

que se estabelecem as identidades. A discussão que segue também serve como um exemplo da possível articulação entre alguns aspectos do pensamento de Foucault – como discurso e sujeito – e alguns conceitos tomados dos Estudos Culturais – como identidade, interpelação e cultura (VEIGA-NETO, 2004, p. 55-56).

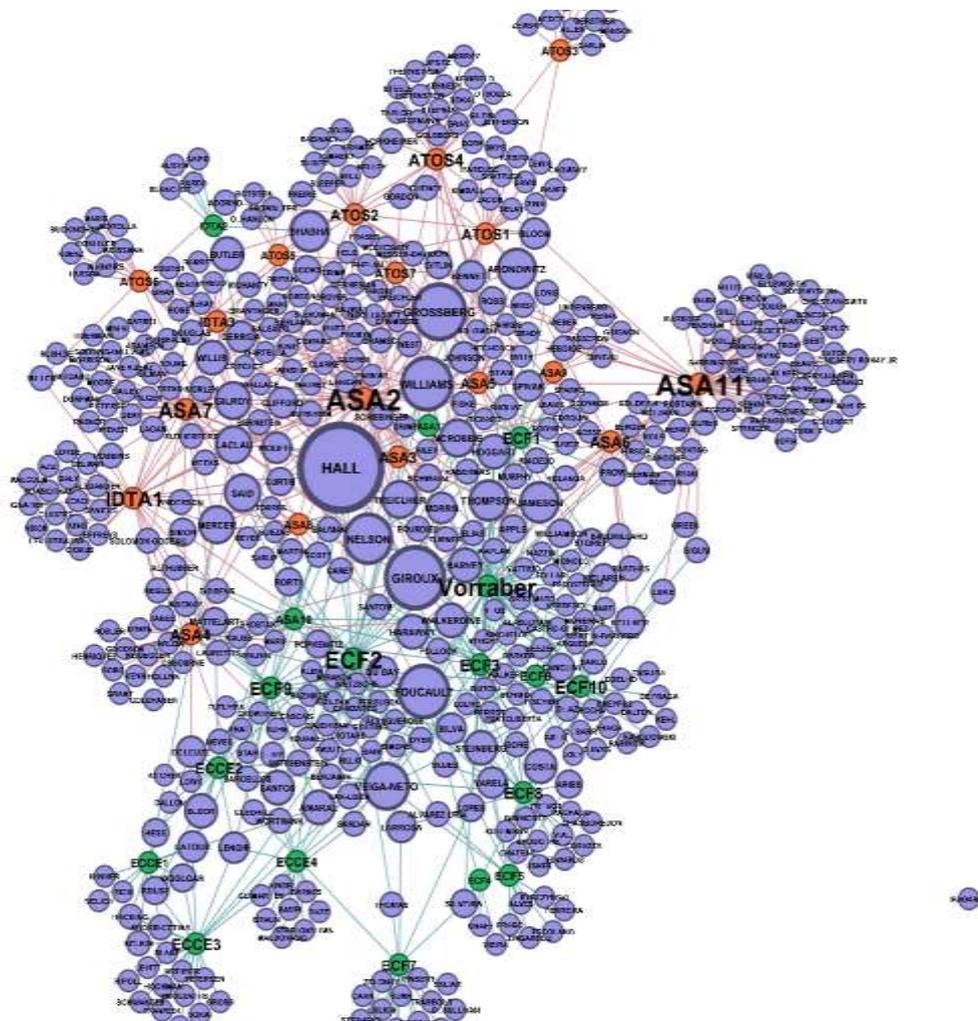
Assim, na qualidade de autor desestabilizador do sujeito e da reflexão sobre o poder, Foucault se torna uma referência para a discussão das relações educacionais contemporâneas, e, como sugere Veiga-Neto acima, também dos Estudos Culturais.

É importante notar que a entrada de Foucault nos estudos culturais não se fez sem críticas. A maneira como se concebe a questão da agência dos indivíduos em seus trabalhos foi duramente criticada por pesquisadores de verve mais marxista-estruturalista, como, por exemplo, em *Pode o subalterno falar?*, de Gayatri Chakravorty Spivak (2021). Segundo Sandra Regina Goulart Almeida (SPIVAK, 2021, p. 12), o texto de Spivak ganhou notoriedade justamente pelas mãos de Cary Nelson e Larry Grossberg, que o reeditaram em sua coletânea *Marxism and interpretation of culture*, de 1988. Nesse sentido, alguns autores traduzidos por brasileiros apresentam reservas a algumas posições de Foucault. Stuart Hall, por exemplo, explica da seguinte maneira a sua posição em relação à questão da agência em *Quem precisa de identidade?*, traduzido por Tomás Tadeu da Silva:



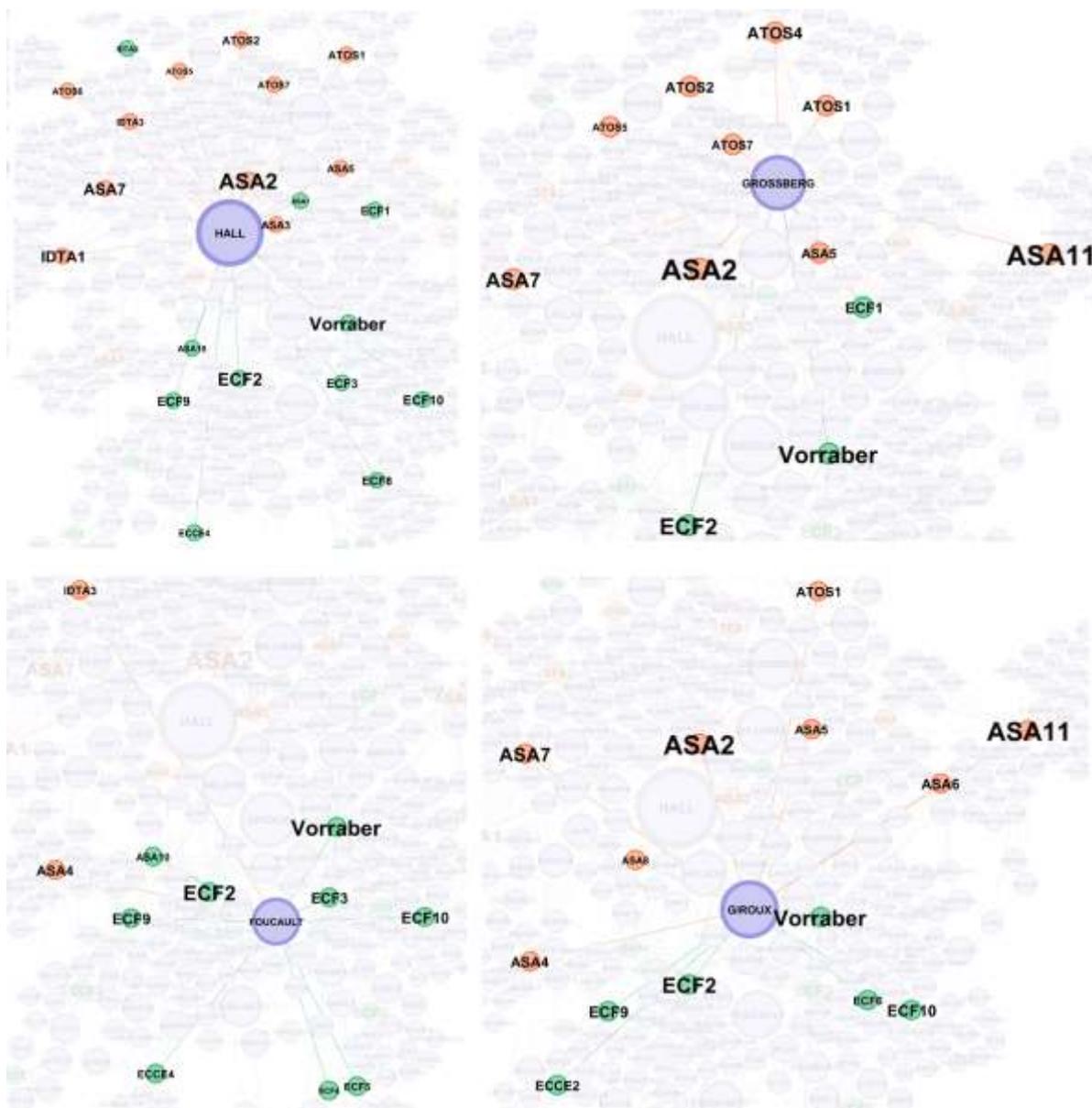
Ao falar em “agência”, não quero expressar nenhum desejo de retornar a uma noção não-mediada e transparente do sujeito como o autor centrado da prática social, nem tampouco pretendo adotar uma abordagem que [citando Foucault] “coloque o ponto de vista do sujeito na origem de toda a historicidade – que, em suma, leve a uma consciência transcendental” (HALL, 2014).

Figura 6: Distribuição dos autores citados (em azul) entre traduções (em vermelho) e textos originais em português (em verde). São 19 traduções, todas espalhados na parte superior da rede, e 17 textos de brasileiros, em sua maioria espalhados na parte inferior da representação. A única exceção (IDTA2, na parte superior esquerda) é o texto de Tomaz Tadeu da Silva *A produção social da identidade e da diferença*. A descrição completa dos textos, com as respectivas legendas, encontra-se no final do artigo.



Essa tensão entre praticantes dos Estudos Culturais e os trabalhos de Foucault se reatualiza no *corpus* aqui estudado. Enquanto Foucault é citado em nove dos 17 textos escritos por brasileiros, aparece somente em três das 19 traduções (Ver excertos, figura 7). Duas citações aparecem na coletânea *Alienígenas na sala de aula*, também traduzida e organizada por Da Silva: no texto de Robert Simon, *A pedagogia como uma tecnologia educacional*; e de maneira indireta no texto de Douglas Kellner, *Lendo imagens criticamente*. A terceira é justamente o texto de Hall traduzido por Da Silva na coletânea *Identidade e diferença*, editada em 2000 pela Vozes.

Figura 7: Excertos da rede de autores e textos do *corpus*. As conexões indicam a citação completa de um texto do autor em um texto do corpus escolhido. Os recortes focalizam a capilaridade de Foucault (esquerda, inferior), Giroux (direita, inferior), Hall (esquerda, superior) e Grossberg (direita, superior). Enquanto Hall e Giroux são citados de maneira parecida entre traduções e textos de brasileiros, Foucault é mais citado entre brasileiros e Grossberg entre as traduções.



De uma perspectiva mais panorâmica, as práticas de citação indicam que as bibliografias que sustentam os textos traduzidos (em vermelho, na figura 6) são diferentes das bibliografias mobilizadas pela maioria dos artigos escritos por brasileiros (em verde, na figura 6). Grossberg é exemplar no que se refere a essa característica das traduções (figura 7, parte superior, à direita), mobilizado por 9 traduções e por três textos de brasileiros. Em situação-limite, a maioria dos capítulos de *Atos impuros*, de Henry Giroux, (ATOS1 a

ATOS7, em vermelho, na figura 6) tem somente Hall como autor compartilhado com a rede de textos de autoria dos brasileiros, ao sul da representação.

O oposto se dá em muitos capítulos do livro de M. Wortmann e Veiga-Neto, *Estudos culturais da ciência & educação*, de 2001, localizados na parte inferior, à esquerda da rede (ECCE1 a ECCE4, na figura 6), e do livro organizado por Vorraber Costa, *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema* (ECF1 a ECF10, na figura 6). Todos citam profusamente Foucault e quase nenhum autor de referência das traduções.

Recorrente em toda a parte média da rede (ASA1 a ASA11, figura 6 e 7) encontram-se os capítulos da coletânea *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*, traduzida e editada por Tomaz Tadeu da Silva. A centralidade dessas traduções, na representação, indica que Da Silva escolhe traduzir – não sabemos se de maneira consciente – textos que lançam mão, de maneira mais equilibrada, tanto de autores corriqueiros às traduções quanto daqueles comuns aos autores brasileiros. Nesse sentido, fica evidente seu papel de mediador cultural, que, a partir da estratégia de tradução e divulgação das ideias estrangeiras em solo brasileiro, consegue figurar como referência nesse momento inicial da constituição do campo, escolhendo textos que “conversam” melhor com os autores brasileiros. A montagem da coletânea com a escolha de diferentes perspectivas analíticas e temáticas e a introdução de seu texto autoral em diálogo com algumas das dessas perspectivas permitiu a ele ocupar um espaço de projeção na discussão do tema no cenário nacional, instituindo-se assim como um tradutor/divulgador/mediador cultural.

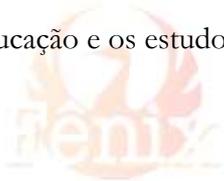
ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO DESDE O SUL DO BRASIL

Partindo da análise bibliométrica exposta até agora, duas questões sobre a conformação do cânon dos estudos culturais ficam mais bem delineadas. Em primeiro lugar, verifica-se na bibliografia analisada a presença central de um grupo de pesquisadores do sul do Brasil, que produziram a aproximação dos estudos culturais com a área de educação por volta dos anos 2000. Em segundo lugar, é evidente a mediação que esse grupo operou por meio da tradução de muitos trabalhos de autores de referência estrangeiros, sobretudo de língua inglesa, agregando a eles a crítica pós-estruturalista, em especial os trabalhos de Foucault.

Em relato memorialístico, Bonin, Ripoll, Wortmann e Santos (2020) esclarecem como se deu a aproximação ao tema dos estudos culturais por parte desse grupo de

pesquisadores do sul, ligados majoritariamente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Universidade Luterana. Segundo esse relato, em meados da década de 1990, um grupo de professores do PPGE/UFRGS buscou reformular as perspectivas teóricas que balizavam a estrutura do programa. O diagnóstico era de que as concepções de Paulo Freire e Jean Piaget não respondiam plenamente às problematizações propostas. A partir dessas inquietações, articula-se um projeto interdisciplinar, de caráter “heterogêneo e plural”, para a criação, em 1996, da linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação, cujo objetivo era discutir principalmente os temas: políticas curriculares, políticas representacionais e identitárias, gênero e sexualidade, pedagogias culturais e comunicação, literatura e produção da ciência.

Posteriormente foi criado o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, com área de concentração única em Estudos Culturais, composto por três linhas de pesquisa articuladas, a saber: infância, juventude e espaços educativos; currículo, ciências e tecnologias; pedagogias e políticas da diferença. O grupo de professores foi, também, responsável pela organização dos primeiros seminários nacionais e internacionais sobre o tema, contribuindo para a aproximação entre o campo da educação e os estudos culturais (BONIN et al., 2020).



www.revistafenix.pro.br

É possível dizer, assim, que, a partir da criação da linha de pesquisa “Estudos Culturais em Educação” no PPGEDU da UFRGS, vertentes teóricas pouco invocadas no ambiente universitário gaúcho, à época, foram colocadas em destaque, tanto através de traduções de textos de autores ingleses vinculados ao Centre for Contemporary Cultural Studies, tais como Stuart Hall, Paul Willis, Paul Du Gay e Angela McRobbie, e norte-americanos, que consideramos já ser uma segunda geração de estudiosos desse campo, como Henry Giroux, Douglas Kellner e Shirley Steinberg, quanto de pesquisas (incluindo-se entre essas dissertações de mestrado e teses de doutorado), que vieram à luz principalmente sob a forma de livros e de artigos publicados em periódicos nacionais e anais de congressos (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015, p. 34)

Em outros textos retrospectivos (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003; WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015), a convergência dos estudos de educação e dos estudos culturais aparece pelas mãos de um grupo maior, a partir da atuação de professores/pesquisadores do PPGEDU da UFRGS, destacando as figuras de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, Alfredo Veiga-Neto, Marisa Vorraber Costa, Rosa Maria Hessel Silveira, Maria Lúcia Castagna Wortmann e Norma Marzola, que reformulam seus referenciais e se filiam às contribuições do pós-estruturalismo e aos estudos culturais.

Ressalta-se, mais uma vez, o papel que as traduções produzidas dentro do grupo tiveram nessa aproximação entre os estudos culturais e a área de educação. De acordo com Costa, Wortman e Silveira (2014), isso foi uma contribuição do professor Tomás Tadeu da Silva. No início dos anos 1990, ele traduziu vários textos de autores estrangeiros para discussões nos seminários do pós-graduação em educação da UFRGS.

Os primeiros textos de Hall traduzidos e publicados no Brasil (Identidade Cultural na Pós-modernidade e A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo) provinham de publicações dos cursos da Open University. Sua tradução e publicação em nosso meio expressava um esforço de professores e alunos do PPGEDU/UFRGS para facilitar o acesso a textos seminais dos Estudos Culturais, que acabaram sendo um marco na introdução e consolidação de tais estudos, tanto neste Programa como em outros de universidades brasileiras. Ao final da década de 1990, a influência do pensamento de Hall foi decisiva para a criação, no Brasil, da primeira linha de pesquisa voltada aos Estudos Culturais em um Programa de Pós-Graduação em Educação (COSTA, 2014, p. 640-641).

Outra obra importante traduzida por Da Silva e Guacira Louro foi o livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, publicado pela primeira vez em 1992, com o título em inglês *The question of cultural identity*. No Brasil várias edições dessa obra foram lançadas a partir dos anos 2000, pela editora DP&A.

O trabalho de tradutor de Tomaz Tadeu da Silva é impressionante e ultrapassa o número de 139 obras de acordo com a última atualização do seu currículo lattes³. Deste vasto trabalho, destacaremos apenas os mais relacionados às teorias pós-estruturalistas e aos estudos culturais (Tabela 2).

Tabela 2: Traduções de Tomaz Tadeu da Silva na área dos Estudos Culturais e da Teoria pós-estruturalista

SILVA, T. T. BIANCO, Giuseppe. Gilles Deleuze educador: sobre a pedagogia do conceito. Porto Alegre (RS), 2002 (Tradução/Artigo).

SILVA, T. T. GIROUX, H. A disneyzação da cultura infantil. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).

SILVA, T. T. NELSON, C.; TREICHLER, A.; GROSSBERG, L. Estudos Culturais: uma introdução. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).

SILVA, T. T. MCROBBIE, Angela. Pós-marxismo e Estudos Culturais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).

SILVA, T. T. SIMON, Roger I. A pedagogia como uma tecnologia cultural. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).

SILVA, T. T. GIROUX, H. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).

SILVA, T. T. KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).

³ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5238130324136188>. Acesso: 12 mai. 2023.

-
- SILVA, T. T. GIROUX, H. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. SANTOMÉ, Jurjo T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. GRIGNON, Christiane. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2000 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. PETERS, Michel. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2000 (Tradução/Livro).
-
- SILVA, T. T. JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2000 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. SCHULMAN, Norma. O Center for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2000 (Tradução/Artigo).
-
- SILVA, T. T. GORE, Jennifer M. O pós-estruturalismo de Foucault e a pesquisa de observação: um estudo das relações de poder na educação. Porto Alegre (RS), 1995 (Tradução/Artigo).
-

A lista confirma a hipótese deste trabalho de que a proposta do Grupo do Sul se afasta das origens britânicas e se liga mais aos pós-estruturalismos. Silva acaba se tornando tradutor e divulgador de obras fundamentais, como: *O que é, afinal, Estudos Culturais?*, no qual estão traduzidos textos de Richard Johnson (*What is cultural studies anyway?*); Norma Schulman (*Conditions of their own making: an intellectual history of the Centre for Contemporary Cultural Studies at the University of Birmingham*); além da já comentada *Alienígenas na sala de aula*, com tradução de textos de Cary Nelson, Paula A. Treichler, Lawrence Grossberg, Angela McRobbie, Roger I. Simon, Henry A. Giroux, Douglas Kellner, Jurjo Torres Santomé, Glaude Grignon, Tomaz Tadeu da Silva, Bill Green e Chris Bigum. Sem dúvida as traduções feitas por ele e outros integrantes de seu grupo, a exemplo dos editores da revista *Educação e Realidade*, ditam os rumos da relação entre estudos culturais e educação no Brasil, tornando Da Silva uma espécie de coautor desses textos.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Retomando a discussão proposta por Bourdieu (2002) sobre a circulação internacional das obras e os sentidos que lhe são atribuídos tanto no campo de origem quanto nos espaços onde são traduzidas, vemos que o agora chamado Grupo do Sul recusou, adaptou e mobilizou um conjunto de autores estrangeiros ligados aos estudos culturais e às teorias foucaultianas, propondo uma leitura que respondesse ao contexto educacional dos anos 1990, momento de avanço do neoliberalismo, globalização e

multiculturalismo, que desenraizaram e desestabilizaram os sujeitos contemporâneos. A entrada dessa teoria se deu por meio do afastamento do grupo das perspectivas marxistas, freirianas e das concepções piagetianas, para filiar-se ao pós-estruturalismo, cuja entrada no país se deu a partir da década de 1990. O diálogo com essas propostas ocorreu principalmente no intercâmbio com autores da vertente norte-americana dos estudos culturais.

Como em qualquer fenômeno cultural que demanda esforços de contato entre práticas culturais distintas, as apropriações, traduções e interpretações foram elementos importantes na formação da área de pesquisa Estudos Culturais e Educação, constituindo estratégias de mediação dos tradutores e divulgadores para delimitar a bibliografia de referência e a própria inserção nesse campo teórico. Sem fugir das premissas gerais do campo, articularam outras leituras entre os autores, conforme seus interesses de pesquisa, construindo análises sobre as relações identitárias, de poder ou mesmo sobre as pedagogias culturais contemporâneas.

Por fim, observamos uma prática de tradução bastante ativa que privilegiou os aportes pós-estruturalistas, obliterando as perspectivas marxistas, certamente acompanhando o fluxo das mudanças epistêmicas internacionais. Ressaltamos que o panorama apresentado, por objetivar os processos de instituição da área, não engloba a vasta produção posterior desse grupo, que após essa fase de divulgadores da teoria, empreenderam esforços produtivos que merecem uma pesquisa de maior fôlego.

LISTA DOS TEXTOS ANALISADOS

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, p. 36-61, 2003.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais**. Artmed, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da et al. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 159-177, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectivas dos estudos culturais**. Vozes, 2014.

WORTMANN, Maria Lucia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Autêntica Editora, 2001.

REFERÊNCIAS

- BONIN, I. T. et al. Por Que Estudos Culturais? **Educação & Realidade**, v. 45, n. 2, p. e100356, 2020.
- BOURDIEU, P. As condições sociais da circulação internacional das idéias. **Enfoques - Revista de discentes do PPGSA/IFCS/UFRJ**, v. 1, n. 1, p. 6–15, 2002.
- CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36–61, ago. 2003.
- COSTA, M. V.; WORTMANN, M. L. C.; SILVEIRA, R. M. H. Stuart Hall: tributo a um autor que revolucionou as discussões em educação no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 2, p. 635-649, jun. 2014.
- DARNTON, R. O que é a história do livro? Em: **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- DARNTON, R. Primeiros passos para uma história da leitura. Em: **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 168-201.
- ESCOSTEGUY, A. C. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, v. 5, n. 9, p. 87–97, 1998.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GIROUX, H. **Atos Impuros**. A Prática Política dos Estudos Culturais. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? Em: SILVA, T. T. DA (Ed.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.
- HARZING, A.-W. **Publish or Perish.**, 2023. Disponível em: <<https://harzing.com/resources/publish-or-perish>>. Acesso em: 8 mai. 2023.
- MONTEIRO, R. Bibliotecas positivistas, catálogos e outras listas: como pensam os livreiros e os algoritmos? **Tempo (UFF)**, v. 29, 2023.
- NOGUERA-RAMÍREZ, C. E. Prólogo. Em: NOGUERA-RAMÍREZ, C. E. (Ed.). **Alfredo Veiga-Neto y los estudios foucaultianos en educación**. 1. ed. [s.l.] Universidad Pedagógica Nacional, 2018. p. 7-12.
- ORTIZ, R. Estudos culturais. **Tempo Social**, v. 16, n. 1, p. 119–127, jun. 2004.
- RESTEPRO, E. Sobre os Estudos Culturais na América Latina. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 21, 14 abr. 2015.
- SPIVAK, G. C. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.
- VEIGA-NETO, A. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. C. V. (Ed.). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 37-69.
- WORTMANN, M. L. C.; COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 32-48, 14 abr. 2015.

RECEBIDO EM: 28/01/2023
PARECER DADO EM: 06/04/2023



www.revistafenix.pro.br